

# APRESENTAÇÃO

## SEMIÓTICA DISCURSIVA: DESAFIOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS

### DIANA LUZ PESSOA DE BARROS\*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil e Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, São Paulo, SP, Brasil.

### ALEXANDRE MARCELO BUENO\*\*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Com base nas pesquisas inovadoras, publicações e seminários de Algirdas Julien Greimas, a semiótica discursiva desenvolveu-se na França a partir dos anos 1960 e, no Brasil, desde os anos 1970. O ponto de partida da teoria são principalmente a linguística saussuriana, em especial, nos desenvolvimentos de Hjelmslev, os estudos estruturais da narrativa, com ênfase nos de Vladimir Propp, a antropologia estrutural de Lévi-Strauss e as questões da fenomenologia de Merleau-Ponty. A semiótica discursiva francesa procura construir os sentidos dos textos a partir dos procedimentos discursivos que produzem esses sentidos e dos diálogos que os textos mantêm com outros textos.

Os estudos semióticos no Brasil (e também nos demais países da América Latina) foram introduzidos, em geral, nos anos 1960 e 1970 (BARROS, 2009, 2012), bem no início, portanto, da semiótica greimasiana, por professores e pesquisadores que leram

---

\* *E-mail:* dianaluz@usp.br  
 <https://orcid.org/0000-0001-5182-6767>

\*\* *E-mail:* alexandre.bueno@mackenzie.br  
 <https://orcid.org/0000-0002-0798-3615>

*Semântica estrutural* e perceberam ali uma nova forma de tratar a linguagem, e que tiveram alguma relação mais pessoal com Greimas (foram seus alunos, de forma regular ou não, em seus seminários na Escola de Altos Estudos, em Paris). Esses primeiros entusiastas da teoria semiótica formaram uma escola de semiótica em seus países: ofereceram cursos introdutórios e avançados nas universidades em que trabalhavam, escreveram livros de fundamentos, desenvolveram aspectos teóricos e metodológicos, fizeram muitas e variadas análises, traduziram para o português e para o espanhol estudos dos semioticistas franceses. As primeiras gerações de semioticistas, compostas por estudiosos ligados à tradição universitária, com formação, principalmente, na área de Letras (linguística, teoria literária) e na de Comunicação e Artes, tiveram papel fundamental na implantação e no desenvolvimento da semiótica em seus países. A formação institucional em semiótica, com a disciplinarização universitária, a preocupação com o ensino e com a formação de novos pesquisadores na área e, ao mesmo tempo, com a pesquisa, seja ela teórica e metodológica ou aplicada, são traços característicos de sua recepção e desenvolvimento no Brasil, e, sem dúvida, os que lhe deram mais força. Desde os anos 1970, são oferecidas disciplinas semióticas em licenciaturas, bacharelados e cursos de pós-graduação, em diferentes universidades do país.

Na França, os seminários de Greimas na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais foram fundamentais para o desenvolvimento da teoria e sua divulgação: constituíram um projeto coletivo de pesquisa bem amarrado e coordenado pelo mestre, mas que não tolhia a pesquisa individual e nem dela dependia; deram formação de base teórica em semiótica; propiciaram seus grandes avanços metodológicos e mostraram suas possibilidades descritivas; formaram, enfim, pesquisadores na área, capazes, como ocorreu no Brasil, de replicar essa formação; criaram veículos de divulgação da produção científica; estabeleceram laços estreitos de amizade entre muitos de seus membros e bons intercâmbios acadêmicos; desenvolveram política acadêmica e científica. A partir daí, foi desenvolvida uma proposta teórica e metodológica de exame dos textos e discursos, que atraiu estudiosos da linguagem de diferentes lugares no mundo em busca de segurança teórica e metodológica para esse exame.

A proposta metodológica fundamental da semiótica discursiva é a do percurso gerativo da significação, herdeira, assim como a semântica estrutural, da concepção hjelmsleviana de figura (HJELMSLEV, 1975 [1968]). A partir das noções de figura, língua e teoria da linguagem, formuladas por Hjelmslev,

Greimas (1975 [1966]; GREIMAS; COURTÉS, 2008 [1979]) estabelece que só se pode construir uma teoria semântica e semiótica quando os dois planos, o da expressão e o do conteúdo, são separados, metodologicamente. Para os dois estudiosos da linguagem, a expressão e o conteúdo implicam-se mutuamente, e a separação deles deve ser entendida como uma necessidade da construção metalinguística. Além disso, Greimas assume também a proposta de Hjelmslev de um paralelismo na descrição e explicação dos planos da expressão e do conteúdo. Fundamentado nesses princípios, Greimas propõe, para descrever e explicar cada um dos planos, um percurso gerativo, independente da manifestação e anterior a ela, que vai do mais simples ao mais complexo e do mais abstrato ao mais concreto, e em que cada nível é passível de descrições autônomas. Assim, no percurso gerativo da significação, são determinadas três etapas, a fundamental, a narrativa e a discursiva, podendo, cada uma delas, ser discutida e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação e da conversão entre os níveis.

É preciso observar ainda que uma das características de base da semiótica discursiva foi a de apresentar-se como um projeto de pesquisa coletivo sempre em construção. Dessa forma, tem ela, em geral e nas diferentes instituições e países em que se desenvolve, mantido o rumo: apresentada como uma teoria que leva à construção dos sentidos do texto – ou seja, daquilo que o texto diz – e dos procedimentos para que ele diga o que diz, caracterizada como uma teoria que procura dar conta dos processos de significação e dos mecanismos de construção dos sentidos, a semiótica tem seguido o caminho proposto. Para tanto, a teoria tem sofrido alterações, mudanças, desenvolvimentos, pois, já propunha Greimas, é uma teoria que deve ser concebida como um projeto coletivo de construção teórica. Refazendo-se, retificando-se, modificando-se, desenvolvendo-se, dessa forma é preciso pensar a semiótica, pois é o único meio de conservar-se sua direção e objetivos. Os estudos semióticos não criam, a cada mudança, outra teoria, outro paradigma, com outros objetos e métodos, ao contrário, asseguram com ela a continuidade do projeto. Greimas (2014 [1983], p. 17), na introdução de *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*, diz que

[...] talvez seja um pouco paradoxal para um pesquisador afirmar que deseja permanecer fiel a si mesmo quando o projeto científico é hoje o único espaço em que a noção de progresso ainda faz sentido e no qual a renovação se mostra intrínseca a todo esforço teórico.

Nessa construção, os principais caminhos foram o desenvolvimento de uma proposta para a narrativa; os estudos da enunciação; os estudos das paixões discursivas e das relações entre o sensível e o inteligível; e o exame do plano da expressão:

1. Os estudos da narratividade são, por razões históricas do desenvolvimento da teoria semiótica e por razões também epistemológicas, muito bem explorados na semiótica discursiva. As reflexões sobre a análise narrativa encontram-se nos primeiros momentos da teoria semiótica greimasiana e foram sendo concebidas, desenvolvidas e sedimentadas aos poucos, de forma continuada, mas também com saltos ou rupturas. Três dessas mudanças merecem destaque (BARROS, 1995, 2017a):

- a da função proppiana ao enunciado narrativo;
- a da *performance* do sujeito à sua competência e existência modais;
- a da modalização às paixões.

Na primeira reformulação, duas decorrências devem ser apontadas: a possibilidade de se preverem organizações hierarquizadas de enunciados, ou seja, de construção de uma sintaxe narrativa hierarquicamente organizada, e também de organização horizontal da narrativa, com o emprego recursivo dos programas e percursos e o desdobramento polêmico da organização sintática hierárquica; a complexidade da organização sintática da narrativa, com um sem número de combinações e de variações possíveis, que faz do modelo um instrumento de análise e de previsão que permite, por exemplo, a comparação de narrativas, e não uma camisa-de-força ou um molde pronto. A segunda ruptura é a da modalização narrativa, com a modalização do fazer e a modalização do ser. Com o exame das modalidades que se aplicam ao fazer do sujeito, foram observadas três questões principais: a competência modal do sujeito; seus modos de existência; a manipulação, e não apenas a ação narrativa. O avanço foi grande e com muitas consequências tanto para a economia interna da teoria e para a extensão de seu âmbito de aplicação – em lugar de explicar apenas as relações entre sujeito e objeto ou entre sujeitos por via do objeto, desloca-se o foco da sintaxe narrativa para as relações entre sujeitos que estabelecem e rompem contratos, os destinadores e os destinatários – quanto para o alargamento dos diálogos com outros campos teóricos, tais como os da comunicação, da interação e da argumentação. Com a modalização do ser, por sua vez,

foi dado o primeiro passo para o exame das paixões, a terceira ruptura nos estudos da narrativa. O terceiro salto foi, assim, o da passagem das modalizações às paixões. O amadurecimento e a segurança alcançados na sintaxe narrativa, sobretudo com sua modalização, permitiram à semiótica enveredar pelos meandros das paixões sem medo de “psicologismo” e de retomada dos estudos de caracteres e temperamentos. A partir, sobretudo, do estudo “Sobre a cólera”, de *Sobre o sentido II*, Greimas (2014 [1983]) levou bem mais longe a construção de uma sintaxe narrativa modal e introduziu uma semiótica das paixões, ou seja, mostrou o caminho para o exame da sensibilização passional, das estruturas sensoriais e da estesia dos discursos, de suas modulações e aspectualizações, e pôs a semiótica para dialogar com os estudos da percepção e com os de preocupação estética e corporal. Há dois momentos nos estudos semióticos das paixões. Numa primeira etapa, especificamente narrativa, esses estudos estiveram estreitamente vinculados à organização narrativa e aos dispositivos modais que ligam sujeito e objeto. A semiótica interpretou as paixões, ou melhor, os efeitos de sentido passionais produzidos no discurso como emanados da organização narrativa das estruturas modais, isto é, de certos arranjos de modalidades do ser. As paixões foram, dessa forma, entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado. Sua descrição se fez, nessa etapa, quase exclusivamente, em termos de sintaxe modal. Assim, se os valores são desejáveis e impossíveis, pois os sujeitos querem e não podem ser, os efeitos de sentido desses dispositivos modais são os da frustração, já nos domínios da paixão. Os principais resultados foram a descrição de várias paixões lexicalizadas, ou “de papel”, e de diversos percursos e estados passionais (cólera, desespero, indiferença, ressentimento, vergonha etc.). Do ponto de vista teórico, a sintaxe modal não se comporta de modo diferente da sintaxe pragmática ou cognitiva, ela toma a forma de programas e percursos narrativos em que se transformam estados passionais. Por outro lado, em um segundo momento, os estudos das paixões mostraram que a modalização narrativa, embora necessária, não é suficiente para explicar os efeitos de sentido passionais.

Atualmente, as mudanças mais significativas no âmbito dos estudos do nível narrativo dos textos são, ao lado das questões relacionadas aos estudos das paixões, as que vêm sendo desenvolvidas por Eric Landowski (2005a, 2005b, 2014). A principal revisão (BUENO; FERNANDES; SILVA, 2010) foi a de postular, ao lado da lógica da junção, que caracteriza a semiótica narrativa de Greimas, outros tipos de interação que independem da transferência de

objetos e que dizem respeito à lógica da união, “fundada sobre a co-presença sensível dos actantes” (LANDOWSKI, 2014, p. 13). Os sujeitos passam a ter, nessa proposta, duas competências diferentes: a competência modal, que está relacionada à lógica da junção, e a competência estésica, que remete à lógica da união e que se constitui ao mesmo tempo que é exercida, independentemente de quaisquer intencionalidades ou de qualquer direção. A partir da lógica da junção e da lógica da união, Landowski propõe quatro diferentes regimes de interação: a programação e a manipulação, que remetem à lógica da junção, o ajustamento e o assentimento ou acidente, que estão relacionados à lógica da união. A programação caracteriza-se pela regularidade que, acentuada, leva à repetição pura e à perda de sentido; a manipulação define-se pela intencionalidade e pelo fazer-criar, bastante bem desenvolvidos nos estudos semióticos da narratividade; o regime do ajustamento explica-se pela sensibilidade, pelo fazer-sentir, nas interações emocionais e estésicas; a aleatoriedade ou o acaso caracteriza o regime do acidente. As duas contribuições mais significativas da proposta, a nosso ver, são a relação estabelecida entre a programação e o papel temático (como um programa de comportamentos socialmente determinados) e a proposição do regime de ajustamento, até então tratado na semiótica sem diferenciação clara do da manipulação. Segundo Landowski, os sujeitos envolvidos nas interações correm riscos, que variam conforme mudem os regimes. Diz ainda o autor que a construção do sentido e da interação ocorre, sobretudo, nos regimes de manipulação e de ajustamento, que apresentam riscos toleráveis na nossa sociedade, pois estão entre os dois extremos, o da repetição pura e sem sentido da programação exacerbada, e, muitas vezes enfadonha, e o da ousadia ou da aventura “irresponsável”, em que o sentido se perde no caos do acidente. O fazer-criar e o fazer-sentir diferenciam a manipulação do ajustamento pela maneira como um sujeito influencia o outro: no ajustamento não se trata mais do fazer persuasivo da manipulação, mas do contato sensorial e emocional, ou seja, de uma interação entre iguais que se ajustam um ao outro, que sentem um o outro. Os estudos de Landowski têm recebido bons desenvolvimentos no Brasil e sido usados para explicar e descrever discursos diversos, com ênfase nos das áreas de comunicação, publicidade e marketing do país.

2. Os estudos semióticos da enunciação tomaram três direções principais, com o exame: das projeções e organização das pessoas, do tempo e do espaço dos discursos (o livro de José Luiz Fiorin, *As astúcias da enunciação* (1996), é

o melhor exemplo desses estudos, no Brasil, tanto pelos acrescentamentos teóricos que traz à teoria quanto pela explicação minuciosa da organização das pessoas, dos tempos e dos espaços, no português); da estrutura narratológica da enunciação, com as questões de comunicação e interação, e dos níveis enunciativos (enunciador/enunciatário, narrador/narratário, interlocutor/interlocutário), tão necessários para a análise, entre outros, dos discursos temáticos e das estruturas argumentativas, e da comunicação em geral; e do ator da enunciação e, em decorrência, das concepções de éthos do enunciador e do narrador, e de estilo. São três direções de pesquisa muito produtivas atualmente no Brasil, com bons resultados, principalmente, no tratamento das questões da identidade brasileira. Os estudos enunciativos põem em diálogo a semiótica com a retórica, a estilística, os estudos da comunicação, da interação, da conversação e os estudos bakhtinianos.

3. Os estudos das paixões e das relações entre o sensível e o inteligível tomaram três caminhos principais: o da sensibilização passional dos discursos; o da estesia; e o das estruturas perceptivas cognitivas e sensoriais dos discursos. Se, como já apontamos, em um primeiro momento, as paixões foram examinadas a partir de seus vínculos com a organização narrativa e os dispositivos modais que ligam sujeito e objeto, em uma segunda etapa, os estudos das paixões e das relações entre o sensível e o inteligível, nas três direções mencionadas, foram desenvolvidos, sobretudo, com o exame das chamadas pré-condições da significação (no aquém do discurso) (GREIMAS; FONTANILLE 1993 [1991]) e com os desenvolvimentos da semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2004, 2006, 2007; FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001 [1988]). No Brasil, a vertente tensiva teve grande desenvolvimento e trouxe importantes contribuições teóricas à semiótica, principalmente sobre questões estéticas e sensoriais, na literatura, na pintura, na canção brasileira, na música, na comunicação. Deve-se observar ainda, nessas reflexões, que há dois tipos mais gerais de estudos da linguagem: os que pensam o homem como ser biológico e cognitivo e os que o veem como ser social, e que os estudos do texto e do discurso, entre eles os semióticos, assumiram a segunda perspectiva, a da língua em uso e, portanto, em estreita relação com a história, a sociedade, a cultura. Atualmente, porém, com os desenvolvimentos da vertente tensiva da semiótica, que dialoga mais fortemente com os estudos cognitivos, a semiótica francesa pode, quem sabe, ser colocada nas duas perspectivas e vir a ser o quadro teórico em que se examinem as duas questões complementares.

4. Os desenvolvimentos semióticos sobre o plano da expressão têm sido significativos, sobretudo, em três direções: a da expressão propriamente dita de textos tanto verbais quanto não verbais ou sincréticos, cuja organização foi sempre menos examinada que a dos verbais; a da relação entre expressão e conteúdo, com os semissimbolismos e os simbolismos, que têm papel de destaque no exame da novidade e da estereotipia cultural dos discursos; e a das relações entre texto e discurso. As preocupações estéticas da semiótica desde seu começo, em relação à literatura, às artes em geral e à comunicação, assim como a busca da identidade e especificidade dos textos levaram aos desenvolvimentos teóricos e analíticos de tratamento do plano da expressão. A inclusão do exame do plano da expressão na rota dos estudos semióticos promoveu, portanto, o estabelecimento de diálogos com os estudos sobre a arte em geral e a estética, aí incluindo principalmente a literatura, a música, as artes visuais e a comunicação. Além disso, tem sido grande a preocupação, na semiótica, com as relações entre texto e discurso, como apontam os trabalhos mais recentes sobre a programação textual, que confrontam as relações temporais, espaciais e actoriais dos textos e discursos e que são imprescindíveis para o estudo da linguagem da internet (BARROS, 2016), e os estudos de Fontanille (2008) sobre os níveis de organização do plano da expressão.

Esses diferentes desenvolvimentos teóricos e metodológicos da proposta semiótica sempre em construção acarretam também mudanças de objeto, ou seja, de extensão de aplicação da teoria: da análise inicial de certo tipo de texto – verbal, de “ação”, figurativo e da “pequena literatura” (folclore etc.) – passou-se a textos não verbais, sincréticos, figurativos ou temáticos, poéticos (de arte, em geral, de canções, de música), científicos, didáticos, pedagógicos, publicitários e das mídias em geral, míticos psicanalíticos, políticos, dos e sobre imigrantes, religiosos, bíblicos, memorialistas, identitários etc., enfim, a qualquer tipo de texto. Os estudos semióticos no Brasil (e nos demais países da América Latina) contribuíram enormemente para esse alargamento dos objetos, já que neles houve, sempre, a preocupação em descrever e explicar os mais diferentes discursos da sociedade e da cultura. O alargamento de seu objeto é, ao mesmo tempo, decorrência e causa das mudanças teóricas e metodológicas da semiótica.

A semiótica, nessa busca constante de manutenção de sua direção e de construção e sedimentação de caminhos, aumentou o alcance da proposta, não só por alargar seu objeto, mas também pelo estabelecimento mencionado de



diálogos com outras propostas teóricas (como a sociologia, a antropologia, a retórica, a psicanálise, as teorias da comunicação e das artes, os estudos linguísticos e literários, a retórica, a estilística, os estudos da conversação e mesmo os da percepção e as teorias cognitivas) e, sobretudo, pela preocupação reiterada em produzir conhecimento sobre e para a sociedade.

A preocupação em explicar os processos de significação do homem e da sociedade brasileiros, em construir suas identidades, em apontar seus traços universais e específicos é uma das características dos estudos semióticos no Brasil. Houve e há sempre grande interesse no exame de objetos particulares da cultura do país e de sua diversidade, e na produção de conhecimento novo sobre a sociedade. A intensa atividade política e os problemas políticos do Brasil (e da América Latina em geral) foram algumas das causas do interesse dos pesquisadores da linguagem no Brasil pelos estudos semióticos, em busca de teoria e método para fazer a crítica cultural, política e social. Os pesquisadores e professores brasileiros acreditaram ter encontrado, na semiótica, um bom caminho para o exame dos sentidos dos textos e, por meio deles, para que se conhecessem melhor a sociedade e a cultura brasileiras. Em boa parte, isso se deveu ao fato de que as relações da proposta semiótica com a sociedade, a história e a cultura estão já previamente dadas, devido ao paradigma teórico-metodológico em que a semiótica se inscreve e a seu projeto analítico. Os veios de origem apontados deixam clara a filiação da semiótica aos estudos literários e antropológicos e a uma linguística em que o caráter social da língua faz parte dos princípios gerais. Dessa forma, em *Semântica estrutural*, ao tratar da construção de uma linguagem capaz de dar conta dos modos de existência e de manifestação da significação, Greimas (1975 [1966], p. 57) fala da distorção histórica da significação:

Essa construção, por sua vez, apoia-se no discurso, que é não somente o lugar de encontro do significante e do significado, mas também o lugar de distorção de significação provocada pelas exigências contraditórias da liberdade e das imposições da comunicação, pelas oposições das forças divergentes da inércia e da história.

O encontro de uma proposta que se define por implicar uma visão de mundo e uma busca de valores, com a procura, realizada pelos semioticistas brasileiros (e latino-americanos, em geral), de teoria e método que dessem conta dos discursos sociais e permitissem a construção de conhecimento sobre a sociedade brasileira deu certo, produziu e continua a produzir bons frutos.

Assim constituídos, os diferentes caminhos que apontamos de forma muito entrecortada têm sido alargados e sedimentados por estudiosos diversos, entre os quais se incluem os novos pesquisadores em formação, que participam com seus artigos do dossiê “Semiótica discursiva: desafios teóricos e analíticos”, deste *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*. São pesquisadores de nove universidades que desenvolveram suas pesquisas sobre objetos diversos e em vertentes diferentes do percurso semiótico sempre em construção. Os trabalhos que serão a seguir mencionados são produto das pesquisas de mestrados, doutorandos ou recém mestres e doutores vinculados a universidades como Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e Université Paris-Est Créteil (Upec).

O dossiê abre com o artigo “Semiótica discursiva e migrações contemporâneas: aplicações da teoria em diferentes tipos de texto”, de Edna Clara Januário de Araújo. O trabalho examina alguns textos relacionados ao tema das imigrações contemporâneas, como o depoimento de um refugiado venezuelano. Pode-se observar, assim, como a semiótica é aplicada no exame de um tema social de bastante relevância para os dias atuais, como é o caso da imigração e do refúgio.

Outro artigo que aborda uma questão social importante para os nossos tempos é o trabalho publicado por José Bernardo de Azevedo Junior: “O dito do ‘eu’ que se foi: um exame semiótico do último adeus nas mensagens dos suicidas”. Nesse trabalho, Azevedo Junior busca compreender os efeitos de sentido em cartas de jovens suicidas publicadas nas redes sociais, como o Facebook, entre os anos de 2018 e 2020. Assim, a proposta do texto é compreender esse tipo de discurso como uma comunicação que comporta uma significativa carga passional entre suas características, uma vez que, nesse caso, mobilizam paixões de quebra de um contrato fiduciário e de uma espera que se prolonga até o desfecho final realizado pelo sujeito contra si mesmo por não se considerar adequadamente competente para sustentar tal contrato.

Ainda na linha dos trabalhos cuja temática apresenta maiores implicações sociais, apresentamos o artigo de Iara Mola, intitulado “Os efeitos de sentido do *eu-aqui-agora* no discurso da violência doméstica: análise de um caso de

violência moral e psicológica à luz da Semiótica Discursiva”. Em seu texto, Iara Mola procura examinar como se constitui o discurso de uma vítima de violência doméstica a partir do percurso gerativo do sentido e, em particular, as operações enunciativas que produzem a sua significação. Iara Mola conclui seu texto apontando para a importância das pesquisas que tornam mais visíveis os discursos de mulheres vítimas de violência doméstica como uma forma de a área dos estudos da linguagem contribuir para o combate contra fenômenos sociais tão violentos vivenciados diariamente por muitas mulheres no país.

Em uma discussão igualmente atual e importante, o artigo “Velho ou idoso? Entre a semiotização do poder-ser e a do não poder-ser”, de Raimundo Isídio de Sousa, procura distinguir as diferentes sanções sociais realizadas sobre os termos “velho” ou “idoso” nas redes sociais. Assim, em grupos de discussão voltados ao tema, Sousa examina um texto que mostra as diferenças lexicais e discursivas de ambas as palavras, com uma tendência à euforização de idoso e de disforia para o termo velho. Seu trabalho mostra como os léxicos carregam valorizações sociais distintas, que se refletem ainda nos simulacros erigidos nos discursos das redes sociais digitais.

Além das discussões acerca dos discursos que podemos considerar “sociais”, a semiótica continua a trabalhar de maneira bastante satisfatória com textos literários e artísticos em geral. Nesse quesito, o presente dossiê traz também uma amostra significativa de trabalhos nesse campo de investigação. Começamos mencionando o texto de Silvana Regina Martins Brixner, que aborda a paixão do ciúme em dois clássicos da literatura universal. Essa é a proposta do artigo intitulado “O esquema passional do ciúme configurado nas obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Otelo*, de William Shakespeare”, encontrando semelhanças e igualmente distinções na configuração de uma paixão das mais importantes para a história da alta literatura.

Em outra abordagem de um discurso literário, apresentamos o texto de Shenna Luissa Motta Rocha, intitulado “Explosão sensorial em *Reino de Babilônia*: figurativização como persuasão”. O trabalho recorre ao percurso gerativo do sentido e, em especial, examina a isotopia figurativa de um poema que consta na obra *Reino de Babilônia*. Assim, Shenna Rocha mostra como as figuras são utilizadas como um mecanismo de persuasão, em um movimento que aproxima a semiótica discursiva dos estudos retóricos.

Prosseguindo com uma das principais tradições de análise da semiótica brasileira, o artigo “A forma dupla de ‘Maria, Maria’”, de autoria de Zeno

Queiroz, examina “Maria, Maria”, canção de Milton Nascimento e Fernando Brant. O artigo recorre às relações entre melodia e letra para explicar o engajamento dos ouvintes-enunciatários com as articulações significantes em questão no texto musical. Assim, o texto conclui que isotopias contrárias são enlaçadas e sintetizadas pela expansão passional e pela concentração temática.

Em um outro campo de significações, o artigo “A dinâmica interacional entre os regimes de programação e de manipulação no filme publicitário de Protex”, de autoria de Carlos Alfeld Rodrigues e de Nilthon Fernandes, analisa a significação de um filme publicitário de uma marca de sabonete veiculado na rede social Instagram. A proposta de análise é compreender os regimes de interação e sentido, sobretudo os ligados à programação e à manipulação entre enunciador e enunciatário.

Um objeto que tem se tornado mais frequente nos estudos semióticos é o jogo de *videogame*. Esse é o tema do trabalho de Mário Sérgio Teodoro da Silva Junior, intitulado “O lugar da proprioceptividade na significação de *videogames*”. Como o título indica, trata-se de observar como as dimensões sensível e passional são mobilizadas na interação entre jogador e jogo eletrônico. Para isso, o artigo recorre aos conceitos ligados à percepção e à proposta da semiótica tensiva, mostrando como a fenomenologia, em sua versão semiótica, tal como proposta por Jacques Fontanille, pode auxiliar no exame das grandezas que entram no campo de presença do jogador.

Em um viés mais teórico, o presente dossiê apresenta dois textos. O primeiro se refere à proposta de Alexandre Provin Sbabo, cujo artigo intitulado “L’esthétique et le plan de l’expression, mais pas que...” retoma uma discussão sobre a questão estética e o plano da expressão na semiótica. A partir da noção de estética, o artigo reconstrói o percurso do plano da expressão na semiótica e mostra as relações com a fenomenologia na base da reflexão de Greimas para justificar a necessidade de outros estudos, no plano epistemológico da semiótica, e para aprofundar a relação entre estética, fenomenologia e semiótica.

Por fim, fechando o dossiê, apresentamos o texto de Geiza Gimenes Saraiva, intitulado “Reflexões sobre gênero”. O artigo propõe uma discussão a respeito do alargamento da noção de gênero a partir da relação entre discurso e texto segundo a proposta teórica dos níveis de pertinência desenvolvida por Jacques Fontanille. Mesmo com um caráter mais teórico, o texto ainda apresenta uma análise de um acordo bilateral entre Brasil e França ocorrido em 1862.

Essa diversidade de objetos, linhas teóricas e origens mostra a amplitude e a força da semiótica discursiva no contexto universitário brasileiro. Esperamos que esta edição incentive outros alunos a publicarem seus trabalhos para conhecermos o que tem sido feito na atualidade dos estudos semióticos brasileiros.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, A. C. de; LANDOWSKI, E. *Do inteligível ao sensível*. São Paulo: Educ, 1995. p. 81-98.
- BARROS, D. L. P. de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *RELIN*, v. 20, n. 1, p. 149-186, 2012.
- BARROS, D. L. P. de. O papel dos estudos do discurso. In: HORA, D. da; ALVES, E. F.; ESPÍNDOLA, L. C. (prg.). *ABRALIN: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. p. 118-154.
- BARROS, D. L. P. de. O texto na semiótica. In: BATISTA, R. de O. *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 71-91.
- BARROS, D. L. P. de. La narratividad en semiótica. *Tópicos del seminário* (Benemérita Univesidade Autónoma de Puebla, México), v. 37, n. 1, p. 27-45, 2017a.
- BUENO, A. M.; FERNANDES, G. O.; SILVA, M. R. A. da. Reflexões sobre o conceito de “união” na teoria semiótica francesa. *Estudos semióticos*, v. 6, n. 2, p. 22-29, 2010.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- FONTANILLE, J. *Pratiques sémiotiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas, 2001 [1988].
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1975 [1966].
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. São Paulo: Nanquim: Edusp, 2014 [1983].
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008 [1979].
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993 [1991].
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1968].
- LANDOWSKI, E. Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa. In: *Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*. São Paulo: Edições CPS, 2005a.

LANDOWSKI, E. Les interactions risquées. *Nouveaux actes sémiotiques*, 101, 102, 103, 2005b.

LANDOWSKI, E. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. *Galáxia*, 27, p. 10-20, 2014.

ZILBERBERG, C. As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, E. P.; CAETANO, K. E. (org.). *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2004.

ZILBERBERG, C. *Éléments de grammaire tensive*. Limoges: Pulim, 2006.

ZILBERBERG, C. Louvando o acontecimento. *Galáxia*, 13, p. 13-28, 2007.